

41º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS

GT03

Circuitos transnacionais e pesquisas em África: desafios, dilemas e perspectivas

**Performances de gênero em Cabo Verde:
reflexões e resultados de um projeto de cooperação**

Juliana Braz Dias
(Universidade de Brasília)

Introdução

Este trabalho consiste na tentativa de reunir dimensões subjetivas e questões objetivas e mundanas relativas a um projeto de cooperação entre Brasil e Cabo Verde. Busco compartilhar as experiências em andamento na execução da pesquisa “Performances de Gênero em Cabo Verde: dinâmicas de exclusão/inclusão social num contexto plural”, realizado por meio da ação conjunta de docentes, discentes e técnicos brasileiros e cabo-verdianos, com financiamento do CNPq (Programa PROÁFRICA). Ao detalhar desafios um tanto prosaicos no desenvolvimento do projeto, aliados às experiências pessoais de construção de um lugar em campo, objetivo indicar como esses fatores ajudaram a moldar a temática do projeto e os olhares que temos construído sobre as performances de gênero em Cabo Verde. É na comunicação dos resultados dessa investigação em andamento que busco costurar o empreendimento reflexivo sobre os “bastidores” da pesquisa ao esforço constante de aprimoramento analítico.

Em que pese o já extenso debate na antropologia sobre a importância da reflexividade na pesquisa, de modo a tomar a atividade de investigação como um processo atravessado por questões pessoais e subjetivas, nem sempre esse debate se revela produtivo. Superar uma introspecção apressada e autocentrada de modo a não trivializar tal investimento, mas sim revertê-lo no aprimoramento dos resultados de pesquisa, permanece como um desafio aberto aos antropólogos. Este trabalho apresenta-se como uma tentativa de trilhar por esse caminho, ainda que de maneira muito inicial.

Histórico de um projeto

O projeto de pesquisa aqui discutido – “Performances de Gênero em Cabo Verde: dinâmicas de exclusão/inclusão social num contexto plural” – é produto de um longo histórico de construção de redes e de colaboração com investigadores cabo-verdianos. Desde a primeira vez que fui a Cabo Verde, no âmbito da realização de uma pesquisa de mestrado, em 1998, até o momento atual, muito se transformou. No final do milênio, a produção acadêmica sobre

Cabo Verde era muito escassa. Além disso, a Internet era ainda um luxo para poucos. O acesso à literatura especializada e a construção de diálogos com pesquisadores interessados no Arquipélago, fossem locais ou não, davam-se por meio de um processo artesanal, em escala tão reduzida quanto as ilhas de Cabo Verde. Mas as costuras realizadas ao longo dessas décadas deram origem a uma trama resistente.

Marco importante nesse histórico foi a criação da Universidade de Cabo Verde (Uni-CV), em 2006, processo no qual a Universidade de Brasília foi partícipe. Desde então, os vínculos cuidadosamente construídos por mim e meus colegas brasileiros com os colegas cabo-verdianos foram ganhando novas facetas: diálogos pessoais somaram-se a projetos interinstitucionais de vulto considerável.

Hoje, as relações de pesquisa, ensino e colaboração institucional entre o Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília e a Universidade de Cabo Verde, nos campi da Cidade da Praia e do Mindelo, revelam sua concretude em projetos como: 1) “Transformações do mundo de circulação nas formas estabelecidas de sociabilidade”, desenvolvido entre 2013 e 2015 como parte do Programa Capes/AULP, promovendo a mobilidade docente e discente entre Brasil e Cabo Verde; e 2) “Formas familiares em um mundo de mobilidades: gênero, infância, juventude e identidades em contextos migratórios”, em andamento desde 2015, com financiamento da FAP-DF. A partir desses projetos, foram concluídas monografias de graduação, dissertações de mestrado e teses de doutorado, além da publicação de coletâneas e vários artigos em periódicos, com autoria de pesquisadores cabo-verdianos e brasileiros – em coautoria, inclusive.

A oportunidade de realização do projeto aqui discutido foi o financiamento recebido através do edital PROÁFRICA, do CNPq. O conjunto de editais lançados pelo CNPq dentro do Programa de Cooperação em Ciência, Tecnologia e Inovação com Países da África, que teve sua última versão em 2014, tinha por objetivo fomentar uma cooperação de “caráter desenvolvimentista” – nos termos da própria agência – com países africanos, especialmente aqueles de língua oficial portuguesa. O programa seguiu a política externa do governo brasileiro frente aos chamados PALOP (Países

Africanos de Língua Oficial Portuguesa) que teve início no primeiro mandato do ex-Presidente Lula. Estratégias diversas de aproximação ao continente africano e à CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), incluindo inúmeras visitas presidenciais ao continente, doações de recursos e, o que nos importa especialmente, a assinatura de inúmeros acordos de cooperação e convênios técnicos, tiveram por consequência um aumento significativo do número de pesquisas realizadas por brasileiros em contextos africanos e lusófonos (Braz Dias et al., 2008). No caso aqui discutido, o financiamento não foi o estímulo para um passo novo, mas a oportunidade de consolidação de uma trajetória. Ao financiar as atividades de investigação de pesquisadores brasileiros e cabo-verdianos, docentes e discentes de pós-graduação, o projeto tem estimulado mais do que o fortalecimento institucional das partes envolvidas, proporcionando a oportunidade de experiências de pesquisa e trocas efetivas. Isto é feito, inevitavelmente, dentro de um contexto (inter)nacional delicado de disputa por hegemonia, motivador, em larga medida, para a existência do próprio edital. Mas suas releituras e desdobramentos práticos vão ganhando nuances variadas.

Uma marca dos trabalhos realizados por essa equipe tem sido sua horizontalidade. Contrariando as práticas usualmente instauradas em projetos de cooperação internacional, em que as trocas entre as partes se dão de maneira assimétrica, reproduzindo hierarquias,¹ buscou-se tanto quanto possível preservar o equilíbrio da relação entre todos os envolvidos. Não se desconhece, é claro, o campo de poder em que se estabelece a cooperação internacional, em particular quando os fluxos financeiros seguem um sentido único. Igualmente, não fechamos os olhos às distintas trajetórias das instituições e dos sujeitos envolvidos no referido projeto. Mas todos os esforços tem sido acionados no sentido de garantir uma simetria na circulação de pessoas e conhecimentos.

Alguns pontos merecem destaque na análise do processo de elaboração de um projeto de tal natureza. Primeiro, a necessidade de responder às

¹ Conforme argumentam Simião e Silva, “a cooperação internacional, mais que um simples ato de boa vontade, é um instrumento político, tanto entre doadores, como entre os beneficiários da assistência negociada” (Simião & Silva, 2007: 15-16).

diferentes demandas institucionais das universidades envolvidas. Deixando de lado a esfera macro-política e atentando às políticas internas ao contexto acadêmico em cada um dos países, foi preciso balancear os produtos esperados do projeto: do imperativo da publicação (e, claro, da internacionalização), tão caro ao universo acadêmico brasileiro nas disputas inerentes a um sistema de ranqueamento, à aquisição de capital (especialmente livros) para a Universidade de Cabo Verde, numa etapa ainda inicial de formação. Desnecessário dizer que o edital elaborado pela agência de fomento brasileira, ainda que com pretensões de cooperação e desenvolvimentismo, não previa a rubrica desejada pela instituição cabo-verdiana.

O segundo ponto diz respeito à adequação temática do projeto. O conjunto de pesquisadores envolvidos nessa rede, num processo já longo de colaboração, desenvolve suas pesquisas a partir de temáticas diferenciadas, respondendo a interesses individuais, ainda que haja alguns pontos de interseção. E é nessa área de interseção que precisamos alinhar o projeto, respondendo concomitantemente aos imperativos do edital. A chamada MCTI/CNPq n. 46/2014 limitava sua abrangência a cinco áreas do conhecimento: 1) segurança alimentar; 2) saúde pública; 3) desenvolvimento agrícola e pecuário; 4) inclusão social; e 5) mudanças climáticas e eventos extremos. Nosso “ponto de encontro”, remetendo (direta ou indiretamente) a cada interesse de pesquisa dos participantes, foi a área de inclusão social, com ênfase nas relações de gênero.

A escolha que, de certa forma, foi uma resposta às diretrizes do PROÁFRICA, contextualizado na conjuntura nacional brasileira, aproximou-se simultaneamente da agenda cabo-verdiana. E, sobretudo, fez com que nós, pesquisadores associados nesta empreitada, construíssemos novos olhares sobre as performances de gênero em Cabo Verde.

Performances de gênero em contextos cabo-verdianos

O enfoque temático do projeto de pesquisa, aqui objeto de reflexão, está na construção de um panorama amplo sobre as relações de gênero na sociedade cabo-verdiana. Trata-se de uma proposta que visa gerar

conhecimento no campo das Ciências Sociais e contribuir para a inclusão social, dando visibilidade a uma pluralidade de situações de gênero vivenciadas no Arquipélago.

Os estudos de gênero têm recebido grande importância no Cabo Verde pós-independência. A categoria “gênero” tem revelado sua potencialidade tanto como uma ferramenta analítica nos contextos acadêmicos quanto como um instrumento de transformação social, orientando a elaboração de políticas públicas naquele país. Trata-se, porém, de um conjunto de trabalhos que tende a concentrar os estudos de gênero na análise das experiências das *mulheres* cabo-verdianas (ver, por exemplo, Grassi e Évora, 2007; Monteiro, 2009; Silva, 2009; Silva e Fortes, 2011; Fortes, 2013). São empreendimentos que elegem como tarefa central “dar vez e voz às mulheres” (Silva e Fortes, 2011), no intuito de promover a igualdade e a equidade de gênero, em ação convergente com os movimentos sociais e com a atuação do Estado após a independência nacional. Isto é, a agenda endógena de pesquisa em gênero (Fortes, 2013) tem-se construído em diálogo próximo com a agenda de desenvolvimento do país, muitas vezes ditada pelas relações de cooperação internacional que o país pós-colonial tem mantido (Monteiro, 2009; Fortes, 2013) – nota-se: situação em clara continuidade no caso aqui discutido! São agendas externas ao empreendimento acadêmico, mas que orientam inevitavelmente escolhas e direcionamentos.

Sem retirar o mérito dessa produção científica que, com foco quase exclusivo nas mulheres, tanto tem contribuído para repensar a sociedade cabo-verdiana e transformar as estruturas marcadas pela desigualdade, o referido projeto de pesquisa visa a uma ampliação das perspectivas sobre as relações de gênero, abarcando uma pluralidade de situações sociais. Buscamos responder a essa demanda externa, ditada pelas agências de fomento, reelaborando-a e tornando a mesma mais densa, conforme o desenvolvimento de nossas pesquisas. A partir do trabalho conjunto de um grupo multidisciplinar, envolvendo pesquisadores brasileiros e cabo-verdianos, temos buscado investigar e dar visibilidade a diferenciadas experiências de gênero, em um contexto permeado por relações de poder.

Cada vez mais os estudos de performance têm revelado sua potencialidade nas investigações sobre os processos de construção de

subjetividades no campo do gênero. A antropologia do gênero que tem emergido nas últimas décadas com a influência das teorias da performance permite um olhar sobre as categorias dos sistemas normativos de sexo e gênero, sem abdicar da atenção às relações e às dissonâncias entre essas categorias, abrindo espaço para a ambiguidade, a multiplicidade e a resistência no interior desses sistemas (Morris, 1995, p. 570). A noção de performatividade ganhou força sobretudo por meio da teoria da prática, cobrindo as lacunas deixadas pelas explicações estruturalistas e introduzindo o problema da agência individual, da mudança histórica e da pluralidade no interior dos sistemas (*ibid*, p. 571). A prática e, particularmente, a noção de habitus (Bourdieu, 1977) direcionaram a atenção dos estudiosos do gênero para o modo como determinada estrutura social é incorporada pelos sujeitos.

O foco na dimensão da performance de gênero, portanto, congrega as perspectivas dos diversos investigadores que colaboram no projeto. É na performance que se busca superar uma visão dicotômica do gênero em Cabo Verde, observando as ambiguidades e inconsistências no interior do próprio sistema hegemônico e favorecendo, assim, a visibilidade de um contexto social mais plural.

Tendo isso em mente, o objetivo geral do projeto tem sido construir um panorama mais complexo das relações sociais em Cabo Verde, evidenciando uma pluralidade de experiências de gênero. Entendemos a realidade investigada como um campo de poder, em que determinadas posturas assumem caráter hegemônico. Como resultado de um processo de incorporação das estruturas, as experiências de gênero são construídas e também constroem categorias e relações. No âmbito da prática, os sistemas hegemônicos de sexo e gênero dão lugar a realidades mais fluidas, ambíguas e plurais. Portanto, é com foco nas performances de gênero que buscamos observar e analisar a construção dessas múltiplas experiências.

Em especial, procuramos dar sequência aos significativos estudos sobre mulheres já realizados em Cabo Verde, acrescentando a este cenário possibilidades alternativas. Feminilidades e masculinidades hegemônicas

continuam na esfera de atenção da equipe que propõe o presente projeto.² Porém, as investigações já realizadas até o momento pelos membros da equipe indicam que este campo deve ser ampliado, abarcando, por exemplo, o homoerotismo e as categorias locais de identificação de gênero, assim como as próprias políticas sobre famílias elaboradas e implementadas pelo Estado. Assim, este esforço conjunto de pesquisa visa explorar o caráter hegemônico das construções sobre gênero, mas também, por meio da etnografia, busca alcançar as zonas de inconsistências, ambiguidades e resistência que ajudam a compor o cenário mais amplo das relações de gênero em Cabo Verde.

Múltiplas masculinidades no contexto da cultura popular cabo-verdiana

Nunca me vi como uma pesquisadora na área de gênero. Mas o trabalho no campo da cultura popular tem me levado a refletir sobre essa categoria com recorrência. Venho de uma trajetória de pesquisas sobre música popular (especialmente “mornas” e “coladeiras”), carnaval, jogos (em particular, o “uril”) e outros atos mais difusos, ocorrendo em bares, ruas e praças. Aprendi com os próprios cabo-verdianos que o termo mais adequado para o que chamo de “cultura popular” (um conceito exaustivamente discutido nas Ciências Sociais) seria “convívio”. É o estar junto, ouvindo música, conversando, bebendo, brincando, sem muito propósito a não ser o “estar ali”.

O “convívio” cabo-verdiano aproxima-se muito do que Simmel (2006) chamou de “sociabilidade”, isto é, as formas de sociação que encontram finalidade em si mesmas, independente do seu conteúdo. Em outras palavras, não importa o assunto da conversa, o resultado do jogo, a afinação da música, mas a vida que brota naquela interação. A sociabilidade é a “forma lúdica da sociação”, onde a forma é o próprio conteúdo, com finalidade em si mesma.

² Reconhecemos que os conceitos de feminilidades e masculinidades hegemônicas têm recebido algumas críticas pela literatura especializada. Mas, como Connell e Messerschmidt (2005) e Schippers (2007), entendemos que, reformulados, eles ainda se revelam muito úteis para tratar de poder e de mudança nos campos do gênero, da sexualidade e das relações familiares – especialmente quando interrelacionados a outros sistemas de desigualdade, como raça, classe e etnicidade.

Foram atos de sociabilidade que acompanhei, ao longo da minha pesquisa de doutorado sobre música cabo-verdiana (Braz Dias, 2004) e desde então, nos meus sucessivos projetos sobre cultura popular em Cabo Verde. E eram atos de sociabilidade marcadamente masculinos, como vim a descobrir, pelos modos em que fui recebida em campo e como foi construindo meu lugar nessas interações. Em quase vinte anos de atividades de pesquisa, é certo que minha percepção sobre essas atividades e sobre mim mesma foram se alterando. O que trago aqui é uma reflexão ainda bem inicial sobre essas formas de masculinidade que pude observar e, mais do que isso, construir pela interação em contextos variados, mas que aos poucos revelavam recorrências, padrões, expectativas. O objetivo, conforme delineado no próprio projeto, mas ainda em processo, é focar na performatividade nesses domínios como o cotidiano nos bares, o consumo do “grog” (aguardente), as “tocatinas” (apresentações musicais) e a prática do jogo “uril”, contribuindo para uma percepção dos signos de masculinidades hegemônicas em Cabo Verde. Espaços como bares e praças concentram homens de idades variadas e diferentes estratos sociais, desfrutando do prazer do “convívio” enquanto compartilham códigos de conduta.

Procuro, a seguir, concentrar a discussão em um desses contextos investigados (aquele ao qual mais intensamente me dediquei), qual seja, o que diz respeito aos bares com apresentações de músicas cabo-verdianas, particularmente as mornas e as coladeiras. Ao fim, procuro amarrar essas discussões às minhas observações mais recentes.

Tocatinas: masculinidade hegemônicas, masculinidades marginalizadas

Apesar de serem vistos como um campo de preservação de importantes valores na vivência da morna, gênero musical símbolo da nação cabo-verdiana, os eventos envolvendo a música também são alvo de duras críticas que expressam e contribuem para reproduzir a marginalização dos ambientes onde são realizadas as “tocatinas”.

A frequência com que fui informada ao longo da minha pesquisa de doutorado sobre os lugares onde eu não deveria circular, como preservação da

minha segurança, está estreitamente vinculada a duas questões. Em primeiro lugar, está relacionada às minhas características pessoais e à maneira como elas eram percebidas pelas pessoas com quem eu dialogava. A imagem de uma mulher branca e brasileira e, naquela época, muito jovem era lida através dos valores socioculturais dos meus interlocutores. Além disso, muitos tinham alguma informação sobre o interesse da minha investigação, o que os levava a indicar para mim apenas aquilo que era tomado por eles como a experiência verdadeira com a morna, legitimada, ou mesmo apta a ser levada para fora do país, contribuindo para a construção de uma imagem positiva de Cabo Verde. Portanto, suas indicações estavam vinculadas ao sentido que atribuíam a cada ato de morna e à avaliação de cada um deles – avaliação esta que quase sempre privilegiava a experiência da morna nas chamadas “noites caboverdianas”, realizadas em restaurantes e hotéis para uma clientela de estratos socioeconômicos superiores, locais e turistas. Vale notar que hoje, tanto tempo depois, as imagens sobre mim e os impulsos de superproteção não são exatamente os mesmos, mas ainda revelam uma continuidade estrutural.

Em segundo lugar, os conselhos sobre os lugares que seriam inadequados para mim estão vinculados à própria disposição dos bairros na Cidade do Mindelo e ao tipo de relação que se estabelece entre os moradores dos diferentes bairros. As áreas mais pobres, como a Ribeira Bote (berço de parte importante do que é hoje considerado patrimônio cultural da Ilha de São Vicente), estão localizadas fora do centro da cidade, mais valorizado. As pessoas que habitam no centro mantêm-se distanciadadas das populações mais pobres no seu dia-a-dia – com algumas exceções significativas, como no carnaval. A distinção que recai sobre os bairros e seus habitantes é, portanto, uma realidade vivenciada no cotidiano mindelense, que orienta a distribuição dos espaços de circulação de diferentes setores dessa população e que se refletiu nos conselhos que recebi para não frequentar determinadas áreas da cidade. E a imagem associada a alguns desses bairros vai bem além da situação de pobreza vivida por seus moradores, estando relacionada ao perigo e à criminalidade, através de rótulos construídos em complexas relações de poder. Como afirma Becker (1977: 60), o desvio não é uma qualidade inerentemente vinculada ao comportamento de uma pessoa. Ele depende da

resposta que é dada a esse comportamento pelos outros. Rótulos como “marginal” e “desviante” devem ser entendidos como categorias contextuais, que dependem de quem os utiliza, bem assim daquilo que está sendo considerado a regra e a transgressão em cada caso particular. Consequentemente, a associação do perigo e da criminalidade a bairros inteiros está vinculada ao julgamento feito pelo grupo social que cria os rótulos e à posição de poder (político e econômico) desse grupo, capaz de impor determinadas categorias.

O processo de marginalização de determinados bairros do subúrbio do Mindelo, seus moradores e seus costumes contribui para o fortalecimento da oposição entre as práticas musicais dessa população e as situações vivenciadas nos bares e restaurantes que organizam noites cabo-verdianas para um público financeiramente privilegiado de turistas estrangeiros, emigrantes retornados e cabo-verdianos da elite. Enquanto a morna das noites cabo-verdianas é apresentada na vitrine turística do arquipélago, as tocatinas são obscurecidas e relacionadas à quebra de regras. E os grupos sociais envolvidos direta ou indiretamente com esses atos de música são associados a vários tipos de delito.

Vale ressaltar mais uma vez que a própria ideia do que seja delito é construída através de um processo imerso em complexas relações de poder. Durante o período colonial, por exemplo, o simples costume de sentar-se nas calçadas para a realização das tocatinas foi tomado pelas autoridades como um ato ilegal. Segundo o Código de Posturas aprovado e transcrito na ata da sessão da Câmara Municipal do Mindelo de 11 de março de 1954, ficou estabelecida a punição com multa de 100 escudos àqueles “que estiverem assentados nos passeios das ruas ou nas soleiras das portas, ou deitados nos bancos dos largos, praças e jardins”.³ Observo aqui os excessos legislativos da política colonial e como essa política atingia diretamente as práticas musicais de uma parcela da população, associada assim à contravenção. Indo além da música, eram atos de sociabilidade e “convívios” que eram banidos pela lei. E muitas vezes a atenção das autoridades coloniais direcionava-se precisamente para os espaços usuais de realização desses atos de música e sociabilidade. Também em sessão da Câmara Municipal do Mindelo, de 3 de agosto de 1972,

³ Actas das Sessões da Câmara Municipal do Mindelo de São Vicente, sessão ordinária do dia 11 de março de 1954, Cx. 42.

já às vésperas da independência nacional, foi solicitada à Administração do Concelho uma vistoria nos bares situados na zona do Lombo “de forma a ver se estão ou não em condições de poderem funcionar com o devido asseio e higiene”. Foi pedida ainda à Polícia de Segurança Pública de Barlavento a atuação nas “zonas do Lombo onde se acham instalados bares, [a fim de que] sejam devidamente policiadas para obstar a disturbios que surgem aí, muitas vezes, e perturbam o sossego e a tranquilidade dos cidadãos (*sic*) que moram nas suas redondezas”.⁴

A rotulação desses grupos como desviantes está relacionada a comportamentos como o consumo excessivo de bebidas. É necessário considerar em particular a frequência significativa com que é ressaltada a questão do consumo do “grog”. Durante boa parte da minha experiência de pesquisa em Cabo Verde, percebi que os comentários sobre o grog traziam sempre um tom de crítica, inclusive nas opiniões dos próprios envolvidos nas tocatinas pelas ruas e bares dos subúrbios. Algumas pessoas que se mostravam excessivamente embriagadas foram objeto de zombarias e ridicularizações. Por vezes eram censuradas de forma mais incisiva.

Foi só depois de muito tempo frequentando esses ambientes que pude perceber uma transformação na maneira de falar do grog, revelando (para a pesquisadora estrangeira) os prazeres envolvidos no seu consumo – um consumo ao mesmo tempo destruidor e motivador, principalmente para aqueles vivendo em situações precárias.

A questão da bebida é tão frequentemente levantada que às vezes ressurge nos próprios apelidos dos tocadores dos bairros do subúrbio. Muito conhecido pela sua habilidade musical era Dogóde, um homem que tocava regularmente pelas ruas do bairro do Monte Sossego. O apelido “Dogóde”, que significa “bêbado”, derivado provavelmente do vocábulo português “drogado”, caía sobre ele como um pesado rótulo. Mesmo com o seu reconhecido mérito na execução de mornas e coladeiras, tendo sido inclusive parceiro de Cesária Évora durante muitos anos antes do sucesso internacional da cantora, Dogóde

⁴ Actas das Sessões da Câmara Municipal do Mindelo de São Vicente, sessão ordinária do dia 3 de agosto de 1972, Cx. 66.

não era bem recebido em estabelecimentos que organizavam noites cabo-verdianas (bares e restaurantes mais refinados).

Esses elementos que aqui vou pontuando ajudam a compor o que é entendido como um universo de convívio masculino. A formação de um ambiente masculino em torno da morna também pode ser evidenciada na observação de um outro local de experiência com esse gênero musical: as barbearias. Assim como são habituais as tocatinas em frente aos botequins, também é comum encontrar um tocador executando uma morna, a qualquer hora do dia, na soleira da porta de uma barbearia. Os instrumentos de corda (violão, viola, violino e cavaquinho) são objetos de presença constante em muitas barbearias da cidade, convidando os profissionais desses estabelecimentos a se envolverem com a música nos momentos de folga. Houve um grande número de músicos cabo-verdianos que exerceram concomitantemente o ofício de barbeiro. Segundo Rodrigues e Lobo (1996: 69), a maioria dos barbeiros em Cabo Verde era violinista.

Malaquias, que foi um dos grandes nomes das noites cabo-verdianas no Mindelo, foi barbeiro durante longos anos e relembra esse período:

Quando eu tinha a minha barbearia, tinha lá o meu violão. Quando não houvesse o que fazer, eu pegava o meu violão. Passando alguém na porta da minha barbearia, a turma gosta de música e a gente senta. Um ou outro que toca, que gosta de tocar mas não tem violão, posso ter lá um cavaquinho... “Você sabe tocar o cavaquinho?” Então ele pega o cavaquinho do outro. Tocávamos para queimar o tempo vazio. Nas barbearias, isso acontecia sempre. Nas barbearias e em certos bares, à noite (Malaquias, 2002, comunicação pessoal).

Conforme podemos observar na descrição feita por Malaquias, as barbearias fazem parte do mesmo domínio das tocatinas, música sem obrigatoriedade e profissionalismo, orientada apenas pela vontade e pelo prazer. E as barbearias conformam, igualmente, um ambiente muito masculino. Uma das barbearias mais populares da cidade, que inclusive divide espaço com

um botequim, não aceita clientes do sexo feminino. Trata-se de mais um local de vivência de mornas e coladeiras, claramente fechado às mulheres.

Apesar dessas barreiras, as mulheres também encontraram seu lugar no mundo da morna, numa participação muito singular. Elas aparecem radicalmente afastadas das práticas instrumentais, principalmente do violão, considerado “coisa de homem”. A única cabo-verdiana que alcançou alguma notoriedade como tocadora de violão e compositora é Djuta Silva, vinda de uma família de músicos. Também ganharam destaque na área instrumental as pianistas Teresinha Sena e Tututa, que se sobressaiu ainda como compositora. Diferente do violão, o piano tem sido aceito com muito mais abertura no universo feminino. Mas o espaço da mulher no mundo da morna sempre foi, por excelência, na cantoria. Algumas versões para a história da evolução da morna na Ilha da Boavista destacam a participação fundamental das “cantaderas” na composição e divulgação dessas canções. Eram mulheres que costumavam cantar de improviso no regresso à casa, depois de um dia de trabalho no campo, na lavagem de roupa nas ribeiras ou na apanha de água nas fontes. Já em um período posterior, essas “cantaderas” destacaram-se também nas salas de bailes populares (Lima, 2002: 235-238).

Ainda hoje as mulheres se destacam no canto de mornas e coladeiras. Existe uma lista relativamente grande de intérpretes cabo-verdianas de renome, incluindo Cesária Évora, Titina, Fantcha, Celina Pereira, Teté Alinho, Maria Alice, Lura, Mayra Andrade, Nancy Vieira. Mas muitas encontraram certa dificuldade de inserção nesse universo masculino da música cabo-verdiana. A história de vida de várias cantoras ressalta a particularidade de seus contatos com os tocadores de rua. Muitas narrativas de/sobre as cantoras cabo-verdianas relembram momentos em que os compositores convidavam as mocinhas que passavam pela rua, às vezes meninas ainda bem novas, para testar suas canções mais recentes: “Menininha, vem aqui cantar uma coladeira!”. Era assim a relação da cantora Titina com o compositor Frank Cavaquinho. E a cantoria feminina sempre foi muito valorizada pelos tocadores. Mas essa participação casual das meninas nas tocatinas também era alvo de muitas críticas, especialmente no passado. A própria Titina, pertencente a uma família da elite mindelense, sofria duras repreensões de seus familiares pelo

envolvimento nesse tipo de atividade. O rótulo que recaía e ainda recai sobre esses ambientes, marginalizando-os, é especialmente rigoroso quando relacionado às mulheres.

Os problemas enfrentados por essas cantoras prosseguiram quando decidiam se casar. Muitas precisaram abandonar esse tipo de experiência com a música devido ao casamento. Titina, mais uma vez, é um exemplo paradigmático. Viu-se obrigada a se afastar da música para evitar maiores problemas com seu marido e a família dele. Sua carreira foi interrompida, só podendo ser retomada muitos anos mais tarde. E histórias como essa se repetem, quase sempre com um final ainda mais decisivo. Grandes vozes femininas deixaram definitivamente a música ao assumir as obrigações do casamento. Candinha, ex-cantadeira boavistense, é outro caso exemplar. Costumava cantar em bailes populares, mas, desde que se casou, já não canta mais. O marido não concordava com suas atividades musicais, obrigando-a a parar com a cantoria. Depois vieram os filhos (nove) e uma grande quantidade de trabalho doméstico, impossibilitando ainda mais sua dedicação à música. Hoje, como afirma sua filha, “só canta na cozinha ou lavando roupa”. Com o fim de suas cantorias em público, suas experiências musicais ficaram resumidas ao ambiente privado da casa. O universo masculino da morna, nas ruas, em serenatas ou em bailes, deu lugar a experiências estreitamente vinculadas às atividades domésticas, femininas, restritas ao domínio do lar.

Os atos de sociabilidade abordados aqui, especificamente relacionados à morna, apresentam uma estrutura capaz de gerar e reproduzir múltiplas oposições. Vemos aqui o contraste entre o universo masculino e o feminino.

As formas de vivência da morna e da coladeira não são pensadas apenas enquanto parte essencial de um ambiente masculino, mas sobretudo como parte de um ambiente incompatível com a vida familiar nos moldes lusitanizados. Noto que, mesmo que essa distinção se faça mais presente e rigorosa quando aplicada ao comportamento das mulheres, ela também diz respeito aos homens. Observo aqui a oposição construída entre o mundo da música e o mundo da família. Dentro da família, o homem deve desempenhar seu papel de provedor, através do trabalho. Mas no tipo de experiência com a morna aqui abordado, o tempo da música não é o tempo do trabalho. A música está relacionada ao

lazer, ao prazer, à sociabilidade. Ela não é percebida como profissão e se afasta da figura do marido-pai provedor. Toda essa série de contrastes criados a partir da experiência com a morna nas ruas e bares dos subúrbios do Mindelo foi por mim organizada no esquema a seguir (Braz Dias, 2004):

masculino		feminino
ruas e bares		casa
prostituição	X	família
sociabilidade		trabalho
prazer		obrigação
transgressão		regra
perigo		segurança

Reflexões semelhantes podem ser feitas para outros ambientes de convívio masculino. Na pesquisa ora sob análise, dei prosseguimento à observação dos convívios em bares do Mindelo e dediquei igual atenção à prática do jogo “uril”.

Bares e jogos: competições lúdicas

Nos últimos três anos, tenho me direcionado à pesquisa e à produção de material audiovisual relativo a uma rua em particular na Cidade do Mindelo. Meu objetivo tem sido tratar das sociabilidades masculinas no contexto portuário da cidade. Interessa-me abordar a história do Mindelo, os tempos áureos do seu Porto Grande e a relativa decadência atual, atualizada nas experiências cotidianas de homens comuns. Para tanto, eu precisava de um recorte bem definido, que partisse dos arranjos dos próprios atores e que funcionasse como uma boa porta de entrada para o conjunto de questões que me interessavam. Foi então que, a partir das experiências locais, me veio a ideia de tratar de uma espacialidade específica: a Rua de Mat'jim. Esta rua foi uma das quatro primeiras construídas na cidade. Próxima ao porto, reunia os homens do mar, oriundos de diversas partes do mundo. Nesta rua, ainda hoje, o cosmopolitismo

está presente e a sociabilidade se faz estreitamente relacionada ao consumo de bebidas alcoólicas, às músicas, às conversas informais, às tensões eventuais.

A Rua de Mat'jim reúne na sua imagem muito dessa ambivalência das práticas associadas às formas de masculinidade hegemônica. Ela está historicamente associada à música e ao consumo de bebidas. É hoje um lugar de descanso e lazer para os homens do mar, trabalhadores braçais no fim do expediente, mas também para homens (jovens e senhores) desempregados, sem muita expectativa na vida. É um local de convívio, de beber e jogar conversa fora. E é também onde a performance da masculinidade se faz mais evidente. Ela está em gestos precisos: na forma de beber, de cumprimentar. Nos assuntos tratados em conversas. E, sobretudo, na forma de tratar esses assuntos. Tenho notado como a competição parece ser uma forma de interação preponderante – não necessariamente uma competição conflitiva e violenta, mas uma competição lúdica, entre a tensão e o gracejo, em constante disputa para superar (num gesto, numa palavra, num argumento derradeiro) seu desafiador. O melhor músico, o melhor pescador, o melhor jogador, são sempre assuntos envolventes. O fim dessas disputas não é sabido de antemão. Pode ser um sorriso ou descambar para um ato violento. Mas seu sentido parece estar no meio, no processo, na disputa em si.

Outro local onde tenho desenvolvido pesquisa é na praça onde vários homens, de variados estratos sociais, se reúnem, todos os dias, para a prática do uril. Menos marginalizada, mas igualmente associada a uma masculinidade hegemônica, a prática do jogo revela uma série de signos localmente identificados com o universo masculino. A sua vivência, dos primeiros aprendizados quando criança até as disputas entre parceiros de décadas de jogo, conformam uma série de regras de conduta, não explícitas, mas fundamentais a uma noção de masculinidade socialmente legitimada. Ela se desdobra, mais uma vez, nas pequenas disputas – que não se resumem ao jogo! Enquanto escolhem a melhor estratégia, a melhor jogada, disputam em palavras por meio de provocações zombeteiras que trazem o sorriso do público. O que chamo aqui de competição lúdica revela-se mais uma vez como uma forma de construção da pessoa nesse universo masculino.

Esta é uma problemática ainda sob análise no projeto, em andamento. Tenho buscado nesses atos de sociabilidade performances de masculinidades que se me apresentam com a marca de uma alteridade radical, à qual nunca pertencerei, mas da qual tenho me aproximado através de um trabalho longo e paciente.

É nessa fronteira entre o feminino e o masculino, que se coloca a mim como experiência recorrente durante a pesquisa – pelo próprio lugar que ocupo - , que o potencial da investigação se revela com maior força. Encerro aqui esse breve relato com a menção a uma inscrição na Rua de Mat'jim que diz: “Rua de perigosa sem mama”. Aquela inscrição, que tanto me chamava atenção, funciona quase como uma adivinha: a perigosa (mulher faladeira, fofoqueira) sem mama representa o homem (portanto, “sem mama”, sem seios) com esses mesmos atributos femininos. E, se a inscrição serve como uma censura a esse tipo de comportamento, não esperado em um homem, é justamente esse homem que ultrapassa a fronteira do masculino que é associado à rua, locus da masculinidade portuária por excelência.

Longe de ser conclusiva, trago esse exemplo para levantar a potencialidade de um tratamento sobre a masculinidade em Cabo Verde, a partir do foco nos “convívios”. O que pretendo mostrar é a convergência de dois caminhos a princípio muito distintos: de um lado, as demandas de um projeto estimulado por uma agência de fomento brasileira em um país dos PALOP; de outro, os desdobramentos de uma pesquisa de longo prazo sobre cultura popular cabo-verdiana. As relações de gênero – e as noções de masculinidade em particular – vão ganhando centralidade nessa história alargada de contribuições entre pesquisadores cabo-verdianos e brasileiros, a que damos prosseguimento.

Referências bibliográficas

BECKER, Howard. “Marginais e desviantes”. In: *Uma Teoria da Ação Coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

BOURDIEU, Pierre. *Outline of a Theory of Practice*. Cambridge: Cambridge

University Press, 1977.

BRAZ DIAS, Juliana. *Mornas e Coladeiras de Cabo Verde: versões musicais de uma nação*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, 2004.

BRAZ DIAS, Juliana; LOBO, Andréa de Souza (orgs.). *África em Movimento*. Brasília: ABA Publicações, 2012.

BRAZ DIAS, Juliana; SILVA, Kelly; THOMAZ, Omar Ribeiro; TRAJANO FILHO, Wilson. Brazilian Anthropologists in Africa: Remarks on Theory, Politics and Fieldwork Overseas. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, vol. 5, n. 2, pp. 277-303, 2008.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, James W. Hegemonic Masculinity: Rethinking the Concept. *Gender and Society*, vol. 19, n. 6, pp. 829-859, 2005.

FORTES, Celeste. “Estudo para não ter a mesma vida da minha mãe”. Relações de Género e Poder: narrativas e práticas de “mulheres cabo-verdianas”, em Portugal e Cabo Verde. Tese de Doutoramento. Universidade Nova de Lisboa, 2013.

GRASSI, Marzia; ÉVORA, Iolanda. *Género e Migrações Cabo-verdianas*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2007.

LIMA, António Germano. *Boavista, Ilha da Morna e do Landú*. Praia: Instituto Superior de Educação, 2002.

LOBO, Andréa de Souza. *Tão Longe Tão Perto. Famílias e Movimentos na Ilha da Boa Vista de Cabo Verde*. Cidade da Praia: Edições Uni-CV, 2012.

MONTEIRO, E. 2009, *Mulheres, Democracia e Desafios Pós-Coloniais: Uma Análise da Participação Política das Mulheres em Cabo Verde*. Praia: Edições

da Uni-CV, 2009.

MORRIS, Rosalind C. All Made Up: Performance Theory and the New Anthropology of Sex and Gender. *Annual Review of Anthropology*, n. 24, pp. 567-592, 1995.

RODRIGUES, Moacyr; LOBO, Isabel. *A Morna na Literatura Tradicional: Fonte para o estudo histórico-literário e a sua repercussão na sociedade*. Cidade da Praia: Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco, 1996.

SCHIPPERS, Mimi. Recovering the Feminine Other: Masculinity, Femininity, and Gender Hegemony. *Theory and Society*, vol. 36, n. 1, pp. 85-102, 2007.

SILVA, Carmelita. Trajetória de Mulheres Vitimas de Violência Conjugal: análise a partir da percepção das mulheres que vivenciaram o drama. Dissertação de Mestrado. Universidade de Cabo Verde, 2009.

SILVA, Carmelita; FORTES, Celeste (orgs.). *As Mulheres em Cabo Verde: Experiências e Perspectivas*. Cidade da Praia: Edições Uni-CV, 2011.

SIMIÃO, Daniel Schroeter; SILVA, Kelly Cristiane da. "Timor-Leste por trás do palco, um prólogo". In: SILVA, Kelly C.; SIMIÃO, Daniel S. (Orgs.). *Timor-Leste por trás do palco: cooperação internacional e a dialética da construção do Estado*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SIMMEL, Georg. *Questões Fundamentais de Sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

TRAJANO FILHO, Wilson. *Polymorphic Creolehood*. Tese de Doutorado. University of Pennsylvania, 1998.

TRAJANO FILHO, Wilson (org.). *Lugares, Pessoas e Grupos: as lógicas do pertencimento em perspectiva internacional*. Brasília: Athalaia, 2010.

TRAJANO FILHO, Wilson (org.). *Travessias Antropológicas: estudos em contextos africanos*. Brasília: ABA Publicações, 2012.